



ANTÓNIO PATRÍ-
CIO • DINIS E ISA-
BEL • CONTO DE
PRIMAVERA • • •

LIVRARIAS AILLAUD
E BERTRAND

ANTÓNIO PATRÍ-
CIO ❧ DINIS E ISA-
BEL ❧ CONTO DE
PRIMAVERA ❧ ❧ ❧



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS-LISBOA

Do Autor:

OCEANO (versos) esgotado.

O FIM (História dramática em dois quadros).

SERÃO INQUIETO (contos).

PEDRO O CRU (drama em quatro actos).

DINIS E ISABEL Conto de Primavera.

A seguir:

POEMAS.

O REI DE SEMPRE (drama em cinco actos).

SHEHÈREZADE (contos).

CINCO DIÁLOGOS DE SONHO.

DINIS E ISABEL

CONTO DE PRIMAVERA

Desenhos de

SOFIA DE SOUSA

UNIVERSO 1843



1.º MILHAR

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

PARIS-LISBOA

Livraria CHARDRON

PORTO

Livraria FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

1919

*Tiraram-se desta edição
seis exemplares em papel bouffant inglês, fora do mercado.*

Todos os exemplares são cancelados pelo autor.

António Patrício

Dinis e Isabel é um conto de vitral em cinco actos. Nada de história e quasi nada lenda: só o milagre das rosas em motivo. É uma pequena tragédia, toda íntima, sem indicações de costumes ou scenários mais que as estritamente indispensáveis para situar um drama de consciências. A acção finda no quarto acto: ecoa, em tragédia estática, no quinto. *Pedro o Cru* é a tragédia da Saúdade; *Dinis e Isabel*, a do homem que amou uma Santa, a de uma Santa. Chamei-lhe em subtítulo, à Shakespeareana maneira, *Conto de Primavera*, porque me pareceu resumir assim a intenção tóda lírica do conto: — dar, dramatizada, uma visão de *Livro de Horas*, o sonho de alguém que uma manhã de primavera, entrasse numa igreja e adormecesse, sob a influença fulgurante dos vitrais.

Lisboa, 15, Maio de 1919.

A. P.

And published at the printing of George
W. Peckham, 120 N. 2nd St., N. Y. C.

By subscription.

A MINHA MULHER

By the author.

Published by George W. Peckham, N. Y. C.

120 N. 2nd St., N. Y. C.

By subscription.

Published by George W. Peckham, N. Y. C.

*And take upon us the mystery of things
As if we were God's spies.*

SHAKESPEARE.

*O mui namorado
Tristã sey bẽ q̄ nõ amou Iseu
quãten vos amo.*

EL-REI D. DINIS

(Cancioneiro da Vaticana - 115)

DRAMATIS PERSONÆ

DINIS, rei de Portugal.

ISABEL, princesa de Aragão, sua mulher.

O BOBO, valido de Isabel.

O BISPO.

A AIA ARAGONESA.

O ARRAIS LEPROSO.

O LAVRADOR LEPROSO.

O LEPROSO MAIS MOÇO.

Outros leprosos, pagens, mendigos, gente da côrte, etc.

EM COIMBRA.

ACTO I



QUADRO PRIMEIRO

Dia de Páscoa. Pátio interior da gafaria, ao romper de alva. É uma fossa nua, pedregosa. Contra o muro do fundo, uma escada que dá acesso ao pátio. De uma fenda do muro, rasando quási o chão da gafaria, sai uma figueira tôda verde. Sôbre o muro, dois guardas. Somem-se de quando em quando, logo voltam. Veem entrando leprosos: estão inquietos. Sente-se agitação em cada gesto. O céu é de assunção: azul puríssimo.

PRIMEIRO LEPROSO, **tocando as fôlhas da figueira.**

Olha a figueira. Como está tão tenra!... E não tem nojo — vê — posso beijá-la. Dá-se a um gafo como a um são: é boa, boa. Há poucos dias tôda encarquilhada; e agora apetece mordê-la de tão fresca...

SEGUNDO LEPROSO

Cheira a mulher à tua fome... hein?

PRIMEIRO LEPROSO, *aspirando-a.*

Cheira... É moça e forte. É a minha noiva. Nenhum de vós lhe toque... Durmo debaixo dela e que alguém venha... A voz das fôlhas diz-mo: acordo logo. É minha só: carne da minha carne...

Roça a cabeça, os braços na folhagem

SEGUNDO LEPROSO

Quere-te fugir, coitada, mas não pode. Está mais presa que nós na gafaria...

PRIMEIRO LEPROSO

Queria estreitar-me contra o tronco, queria... Tem os braços nodosos mas macios... E tem pena de mim como de um filho. Ontem choveu de tarde: choveu muito. Eu fiquei debaixo a consolar-me. Era um cair de lágrimas em mim, como se minha mãe chorasse ao ver-me. Se pudesse, sarava-me, que eu sei.

Os outros riem, um deita-lhe terra.

UM LEPROSO, **atirando-lhe com lama,**

Jóias... Toma jóias para a noiva...

OUTRO LEPROSO

É noiva ou é manceba? Vais ter filhos. Podes contá-los. Vais ter mais de cem...

UM LEPROSO VELHO

É um par feliz, mesmo sem ir à igreja... Não tem de mercar berços. Não precisa...

SEGUNDO LEPROSO, **tocando a pústula da boca.**

Eu tos baptizo todos nesta pia...

PRIMEIRO LEPROSO, **voltado para a ligueira, sem os ver.**

Dizei pr'aí, dizei... Ela não ouve. Só me ouve a mim: não quiere saber de vós. A cada dia baixa

mais os ramos p'ra buscar o meu corpo, p'ra tó-cá-lo. Tem pena, eu sei: quere-me por dó. P'ràs moças não sou gente, mas p'ra ela sou como um tronco velho que se mirra... E eu pago-lhe em amor, às noites beijo-a. Sinto frescura em mim. Dá-me família. E conversamos muito, conversamos...

O LEPROSO VELHO, *rindo.*

De que lhe falas? Hé!... Conta-te contos?...

PRIMEIRO LEPROSO, *num tom vago.*

Tem muita pena de não ter um ninho. Queria erguê-lo nos braços às estrêlas...

O LEPROSO VELHO

Hé! hé! Fala com ela, que tem mais paciência.

Deixam-no só. Estira-se no chão: queda a olhá-la. Alguns, como animais num fojo, rastejam sem falar. Outros, em grupos, gesticulam brusco, como se o ar pascal os embebedasse.

O ARRAIS LEPROSO. **É enorme. Tem uma gorra de lã, a barba branca.**

Se eu pudesse fugir p'ra ver o mar...

O LAVRADOR LEPROSO. **Trinta anos. Cabeça saudável, mal tocado.**

Eu era p'ra ver campos; p'ra ver terras... Por aqui nem passam andorinhas. Parece que teem medo, também elas...

O ARRAIS LEPROSO

Tu nunca viste o mar?

O LAVRADOR LEPROSO

Não, nunca vi.

O ARRAIS LEPROSO

Não te alembravam campos se o visses. Nada há mais lindo que deitar as rêdes. É a lavoura melhor que Deus nos deu.

O LAVRADOR LEPROSO

Eu queria ver a terra que amanhãva...

O ARRAIS LEPROSO

A água do mar baloiça e reza: alenta. É um céu melhor, um céu que beija e canta. É nadar!... É mais do que voar. Tens braços-asas, quando uma vaga te levanta todo. O céu que vê o mar é o mais feliz. O outro, nas lagoas e nos rios, não se mira tão bem e não o embalam.

O LAVRADOR LEPROSO

Está tudo em flor agora pelos campos.

O ARRAIS LEPROSO

O mar está sempre em flor, mesmo de inverno. Tem a espuma das ondas como cachos, em cachos brancos, a ferver, a rir... Em cada onda — quem te dera vê-las! — há mais flores brancas que num mês de Maio. Tu sabes lá... tu que não viste o mar...

O LAVRADOR LEPROSO, depois de uma
pausa.

E os teus? Nunca falas dos teus, Não tens família?

O ARRAIS LEPROSO

Estou aqui há dez annos. Nem já sei. Só me alembra do mar: o mar é tudo. Tenho lá pai e irmãos. Isso sei eu. Se me deitassem ao mar quando eu morresse... Bastava-me isso só p'ra ser feliz. (Num tom misterioso: em voz mais baixa) Havemos de falar. Se pudermos fugir... Talvez te leve a vê-lo... (Com uma expressão alucinada) Que às vezes, quando o mal me atija mais, eu cuido que foi tudo um sonho mau, e que não há, não houve nunca, mar... Se eu visse alguêm, alguêm que não mentisse, bem queria perguntar-lhe. Mas a quem?

O LAVRADOR LEPROSO

Quem me dera saber da minha leira... e dos meus filhos... da mulher... Quem dera!... Um gafo é um morto-vivo que faz mêdo.

O ARRAIS LEPROSO

A mim que se me dá!... O mar é tudo. Diz-me o coração que ainda hei-de vê-lo. Tenho pisado cá dentro a minha esperança, como o vinho no lagar os lagareiros. De tanto o querer azul, só vejo azul!

O LAVRADOR LEPROSO

Eu, é a primeira primavera que aqui passo. E o que mais me dói, é que decerto os meus campos se gafaram, teem o mal também: estão como eu. A última vez que semeei, já estava assim...

O ARRAIS LEPROSO

A carne azul do mar é luz e sangue. Posso afundar-me nela qual me vês: e fica sempre pura, sempre azul. Depois de um naufrágio, os arrolados teem mais azul que mesmo Deus no céu.

O LAVRADOR LEPROSO

Eu vejo os milharais que eu amanhava tão desgraçados quási como eu. As espigas de pão ressumam pus, o olival em crostas... Como eu...

O ARRAIS LEPROSO, *misteriosamente.*

Verás, verás, se nós fugirmos... Logo que eu abicar na areia ruiva, o mar vai rir mais alto de contente... Eu falava às gaivotas, conhecia-as. Como em tórno às tórres das igrejas voam agora em Maio, as andorinhas, assim elas na praia à minha roda... As asas não teem medo, não se importam. Tanto tocam um gafo como as nuvens. Hás-de ver-me embrulhado em asas brancas.

O LAVRADOR LEPROSO, *como olhando dentro dele.*

Até os limoeiros do meu eido, até os limoeiros se chagaram...

O ARRAIS LEPROSO

Escuta. Aqui há tempos, não podia andar. As juntas tôdas a empedrar-se, e doíam, doíam como lume. E à noite, então, na minha toca, sabes o que eu sonhei? Não adivinhas?... Sonhei que era de pedra. Era um farol...

O LAVRADOR LEPROSO

Eu choro em sonho de me ver assim. Sou o semeador maldito. Não me curo. Deitei o mau

olhado às sementeiras. Terra onde eu pus as mãos,
é terra gafa.

O ARRAIS LEPROSO

O mar lava-te a alma, fica certo.

O LAVRADOR LEPROSO

Era a morte que eu queria, queria a morte.
Morrer num ai, como uma gota de orvalho...
Ir-me, ir-me assim, sem desgraçar a terra em que
me enterrem, e expiar no inferno o malefício...

O ARRAIS LEPROSO

É palavra de arrais a que eu te dou. Um
arrais — tu sabes lá! — é um rei do mar. Tôda a
minha companhia está a esperar-me. Há dez anos,
fiel, e eu hei-de vir... A *Voga-Sempre* é a minha
lança: é linda. É leveira, leveira: trepa às vagas e
vai mesmo na crista, que é milagre. Assim Nosso
Senhor ia no mar... Tu entras p'rá companhia. Não
te moas. (**Olhando os outros**) Anda mais p'rò largo.
Tu verás...

Afastam-se os dois falando baixo.